

INTRODUÇÃO À "QUERELA DOS HISTORIADORES"

Márcio Suzuki

No dia 11 de julho de 1986, o semanário *Die Zeit* publicava um artigo de Jürgen Habermas intitulado "Uma Espécie de Acerto de Contas. As Tendências Apologéticas na Historiografia de Época Alemã", que desencadearia uma das polêmicas de maior impacto dentro e fora da República Federal da Alemanha: a chamada "Querela dos Historiadores" (*Historikerstreit*). Mesmo entre os adversários de Habermas aceita-se que a "Querela" só alcançou grande repercussão nos meios de comunicação e nas discussões culturais depois (e por causa) do texto do pensador de Frankfurt, apesar do "artigo militante" de Ernst Nolte sobre o "Passado que não quer passar", publicado no jornal conservador *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (FAZ), em 6 de junho de 1986 (cf. artigo neste número).

Para entender o contexto das motivações que levaram Habermas a esse debate público, cabe lembrar alguns fatos, tais como a visita do então presidente dos EUA, Ronald Reagan, ao campo de concentração em Bergen-Belsen e ao cemitério de guerra em Bitburg, como parte das comemorações dos 40 anos do fim das hostilidades na Europa, em 8 de maio de 1985; a formação, pelo governo alemão, de comissões de estudiosos para o desenvolvimento de projetos para dois museus de história alemã (um em Bonn e outro em Berlim), bem como a idéia de construir um monumento nacional único em memória do passado nacional-socialista.

Para Habermas, esses acontecimentos não devem ser entendidos como manifestações isoladas, por assim dizer, espontâneas no panorama político-cultural da Alemanha. Remetem, ao contrário, a tendências neoconservadoras que visam à formação de uma identidade e unidade nacional na Alemanha (aqui, através de uma revisão da história alemã recente). Vê-se, portanto, que a preocupação de Habermas é menos a de condenar esses eventos isoladamente, que a de identificar a concepção que os move (isto é, o Revisionismo de historiadores como Ernst Nolte, Andreas Hillgruber, Michael Stürmer, Klaus Hildebrand etc); sua

intervenção é menos uma estocada esporádica, fruto da ocasião, que uma tentativa de interpretação do fenômeno neoconservador nos EUA e na RFA. Vale a pena, por isso, confrontar suas concepções aqui reveladas com as do livro *Die neue Unübersichtlichkeit* (cujo ensaio de mesmo título foi traduzido por Carlos Novaes em *Novos Estudos CEBRAP* n° 18).

Por outro lado, a "Querela dos Historiadores" parece representar um "caso extremo" na compreensão habermasiana do que seja o Iluminismo (*Aufklärung*) e mesmo em sua pragmática do discurso. Habermas condena o fato de o FAZ ter publicado o "artigo militante" de E. Nolte e, uma intervenção posterior intitulada "Do Uso Público da História" afirma: "As compensações apresentadas em ampla publicidade (*breite Öffentlichkeit*) por Nolte e Fest não servem ao Iluminismo. Elas abalam a moral política de uma comunidade que foi construída — depois da libertação, sem nossa participação, pelas tropas aliadas — no espírito da compreensão ocidental do que seja liberdade, responsabilidade e autodeterminação" (*Historikerstreit*, Munique, Piper, 1987, pp. 243-255).

Ora, se a posição "apologética" dos historiadores neoconservadores representa um caso limite para a discussão pública da história, não se estaria restringindo o espaço da *Aufklärung*? É isso que parece temer Imanuel Geiss que, de resto, defende o Iluminismo "tão pateticamente evocado" por Habermas. Geiss lamenta que "a despeito de sua profissão de fé nos valores universais do Ocidente, Habermas não deixou o gueto da história nacional alemã, pelo menos não com seus argumentos na 'Querela dos Historiadores'". A propósito, o livro de Geiss (que traz ampla documentação sobre a polêmica) tem um título provocativo: *As Controvérsias de Habermas. Uma Querela Alemã* (Berlim, Wolf Jobst Siedler, 1988).

Os revisionistas também reclamam dessa restrição à liberdade de expressão na esfera pública, liberdade que Habermas parece defender tão incondicionalmente (veja-se, a título de exemplo, a carta de Nolte enviada ao semanário *Die Zeit*, em 01/08/1986, e o artigo de Andreas Hillgruber "Jürgen Habermas, Karl-Heinz Janssen e a Ilustração Anno 1986", in *Historikerstreit*, pp. 331-351). É curioso, neste caso, que estes historiadores (que ocupam funções importantes em diversas universidades alemãs) tenham gozado de uma liberdade acadêmica que lhes parece agora contestada não apenas pelos artigos de Habermas, mas sobretudo pelas reações emocionais que despertaram em grande parcela do público. Seja dito também que as críticas de Habermas ao Revisionismo foram recebidas com reações não menos emocionais, o que de certa forma vem a confirmar o diagnóstico de "trauma" dos alemães em relação a seu "passado que não quer passar".